

DA INOCÊNCIA DO DIABO EM UM MUNDO DEMONÍACO

Sara Carvalho^{1*}

Resumo: Neste trabalho vamos analisar o personagem Diabo, na obra *O vilarejo*, de Raphael Montes. Nosso objetivo é demonstrar até que ponto o Diabo influencia as demais personagens da obra a acessarem seu lado mais sombrio, comportando-se como um velho sábio destrutivo. Além disso, analisaremos a influência do Diabo no mundo objetivo e na contemporaneidade. Para tal empresa, utilizaremos como fundamentação teórica Jung (2002), Frye (1973) e Bauman (2014), entre outros.

Palavras-chave: diabo; velho sábio; Raphael Montes.

Abstract: In this paper we will analyze the Devil character from the story *The village*, written by Raphael Montes. Our goal is to demonstrate to what extent the Devil influences the other characters of the story to reach their darker side, behaving like a destructive old wise man. In addition to that, we will analyze the influence of the Devil in the objective world in contemporary days. To achieve this aim, we will use as a theoretical basis Jung (2002), Frye (1973) and Bauman (2014), among others.

Keywords: devil; wise old man; Raphael Montes.

1. Introdução

O vilarejo começa com um pequeno prefácio, no qual Raphael Montes² claramente se exime da autoria da obra afirmando que

1 * Artigo desenvolvido na disciplina Literaturas Contemporâneas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal da Paraíba, tendo como orientadora a professora Dra. Vanessa Riambau Neves Pinheiro.

2 Raphael Montes nasceu em 1990, no Rio de Janeiro. Advogado e

lhe foram passados os cadernos ilustrados de Elfrida Pimminstoffer – provável autora da narrativa – e que ele, Montes, é apenas o tradutor da história. Compõem o livro sete contos interdependentes, e o que os costura uns aos outros é o fato de trazerem os mesmos personagens, inseridos no mesmo espaço: o vilarejo. Cada conto nos apresenta a história de um morador deste (Felika, Vonda, Helga, Mikhail, Ivan, Branka e Anatole) e o relaciona a um demônio. Os sete príncipes infernais (Belzebu, Leviathan, Lúcifer, Asmodeus, Belphegor, Mammon e Satan) representam os sete pecados capitais, a saber, Gula, Inveja, Soberba, Luxúria, Preguiça, Ganância e Ira, respectivamente, e dão título aos contos. Entretanto, esses demônios não aparecem em pessoa no vilarejo, mas residem dentro dos sete moradores supracitados. Alguém aparece, todavia: é um velho curvado, o qual observa bem de perto os moradores do vilarejo, ou seja, os sete príncipes infernais que neles residem.

É este velho curvado que inferimos ser o próprio Diabo, o objeto de nossa análise neste artigo. Em um primeiro momento, vamos demonstrar de que forma essa personagem influencia no comportamento das demais e, por conseguinte, promove alterações significativas nos desfechos dos contos de *O vilarejo*. Já em um segundo momento, partindo da verdade diegética para o mundo objetivo, faremos uma breve reflexão sobre a influência que a figura mítica Diabo ainda exerce sobre os indivíduos na sociedade atual.

2. Um velho sábio às avessas

Segundo Frye (1973, p. 149), “o mundo demoníaco é uma sociedade unida por uma espécie de tensão molecular de egos, uma

escritor, Montes publicou contos em diversas antologias de mistério, bem como os romances *Suícida* (2012), *Dias perfeitos* (2014) e *Jantar Secreto* (2016).

lealdade ao grupo ou ao chefe que diminui o indivíduo ou, no melhor dos casos, contrasta seu prazer com sua obrigação ou honra”. Os moradores do vilarejo, todavia, parecem seguir apenas a si mesmos ou, no máximo, a seu demônio interior. Entretanto, no último capítulo da obra de Montes, descobrimos que há, sim, um líder, alguém que, de forma direta ou indireta, influencia os moradores a acessarem e darem livre expressão aos seus demônios interiores. Este líder é um velhinho curvado, aparentemente inofensivo, mas que diz o seguinte para a personagem Anatole:

[...] Identifiquei em muitas pessoas deste vilarejo uma propensão ao pecado. Como um reflexo do mundo, este lugar reunia toda a sorte de pessoas mesquinhas e lamentáveis de que sempre me orgulhei.

Quem é você?

Perceba, Anatole, que nunca inseri o mal nas pessoas. O mal já estava lá. Eu apenas o potencializei (MONTES, 2015, p. 86).

Aqui, vemos que o velho curvado declara uma inocência parcial no que se refere ao comportamento dos moradores do vilarejo. Afirmamos que tal inocência é parcial, pois, ao mesmo tempo em que ele se exime da responsabilidade de ter inserido o mal nas pessoas, também revela que potencializou este mal. Tal declaração nos faz inferir que ele seja o próprio Diabo.

Muito embora nem o narrador nem a própria personagem digam que ele é o Diabo, o identificamos como tal através de uma série de expressões que remetem ao discurso religioso, mais especificamente ao discurso judaico-cristão, como o fato de ele se orgulhar das pessoas mesquinhas; de ele não ser o responsável por inserir o mal nas pessoas, etc. Entre as personagens, Anatole é a única

que descobre sua verdadeira identidade. Para as demais, o Diabo se apresenta como um completo estranho, “o velho curvado, como costumam chamar” (p. 86), o qual surge sempre para oferecer um bem ou um serviço. Contudo, possui tal magnetismo pessoal que seduz a todos os sete protagonistas dos contos e os manipula sutilmente para que acessem seu demônio interior e lhes permita a livre expressão.

Tal sedução empreendida pelo Diabo, inferimos, deve-se, sobretudo, à confiança que ele desperta nas personagens, principalmente por travestir-se de velho. Logo, partindo desta ideia de que o Diabo é um “velho curvado”, o qual consegue conquistar a confiança dos demais justamente pela sabedoria e autoridade que a velhice confere ao homem, nós podemos vê-lo como uma representação do arquétipo do velho sábio.

O Velho Sábio aparece nos sonhos (assim como nos contos de fadas e nas histórias em geral) como mago, médico, sacerdote, professor, catedrático, avô ou como qualquer pessoa que possuía autoridade [...] sempre em situações nas quais seriam necessárias intuição, compreensão, bom conselho, tomada de decisão, plano, etc., que no entanto não podem ser produzidos pela própria pessoa. (JUNG, 2002, p. 213).

Se o velho sábio é este líder ou mestre, que conduz o indivíduo ao caminho certo ou ao crescimento pessoal, representando, “[...] por um lado, o saber, o conhecimento, a reflexão, a sabedoria, a inteligência e a intuição e, por outro, também qualidades morais como benevolência e solicitude, as quais tornam explícito seu caráter ‘espiritual’ (*op. cit.*, p.218)”, em *O vilarejo*, o Diabo é um velho sábio às avessas ou, antes, um velho sábio não sadio, visto que estimula a parte sombria das demais personagens, potencializando o

mal que existe dentro delas, como na cena em que tenta convencer a personagem Helga a comprar um cãozinho para seu filho:

Senhora, isso não importa. Esse cachorro vive por anos. A mãe deste aqui morreu após quatro décadas! Quatro décadas, consegue imaginar? Não são cachorros como outros... Senhor, eu sinto muito. Como disse, meu marido está fora e, na verdade, não temos muito dinheiro.

Pois pague quanto achar devido, senhora. Ouvi dizer que tem um bom coração. Abrigou o *negro deformado* que atendeu à porta.

- Não fale assim de Mobuto. É um ser humano, como nós. Queira me desculpar, senhora, mas está enganada. – O velho curvado abre um sorriso. – Nestes muitos anos, tive a oportunidade de visitar a terra dessa gente, a África. É um *povo selvagem*, que sobrevive da *barbárie*, *todos violentos e grosseiros*. Acho admirável que a senhora o receba de braços abertos, mas, fosse o contrário, eles nos colocariam num caldeirão e seríamos servidos no almoço.

O senhor que me desculpe, mas não acredito no que diz. São fatos, senhora. Não há porque duvidar. Tenha certeza que *somos melhores* [...] (p. 38, grifos nossos).

Nesta passagem, principalmente através das expressões destacadas, o Diabo estimula o orgulho da personagem Helga, despertando o Lúifer que existe dentro dela. A relação entre Helga e Lúifer dá-se pelo fato de que, no início do capítulo 3 de *O vilarejo*, a personagem se mostra bondosa e compassiva para com o negro forasteiro e, depois da visita desse velho curvado, que inferimos ser o próprio Diabo, começa a expressar o seu lado mais sombrio, praticando uma série de abusos e maus tratos, como acorrentar Mobuto e enfiar garfos nas solas de seus pés. Assim, percebemos que Helga, apesar de dizer ao velho que não acredita no que ele diz,

é, de alguma forma, seduzida por suas palavras e acaba mudando a visão que tem de Mobuto. Esta sua mudança corrobora nossa leitura do Diabo como a representação de um velho sábio doentio. Ele é ouvido e suas ponderações consideradas, mas seus conselhos despertam o lado sombrio da personagem, ao invés de fortalecer seu lado luminoso. Acerca disso, o próprio Jung (2002, p. 223) afirma que “o Velho tem um caráter ambíguo, élfico, tal como a figura extremamente instrutiva de Merlin pode parecer o bem e, dependendo de sua manifestação, o mal. Neste último caso, ele representa o mau feiticeiro que, por egoísmo, pratica o mal pelo mal”.

Em nossa cultura judaico-cristã, o Diabo é visto como a personificação do mal, ou seja, ele é o próprio Mal. Todavia, conforme Myatt e Ferreira (2002, p. 114), os demônios eram anjos bons antes de se corromperem. Então, veio a rebelião de seu anjo mais poderoso: Satanás, o qual é considerado o inimigo de Deus e de seu povo, em virtude de tentar o homem e até mesmo infligir-lhe ferimentos físicos, além de tentar corromper o próprio Messias e liderar um exército de demônios contra Deus. No vilarejo, porém, não há Deus. A propósito, uma das únicas personagens da obra de Montes a fazer uma referência a Deus e, ainda assim, uma referência muito breve e implícita é Helga, que, diante da fúria de Ivan e da vontade deste de exterminar Mobuto pelo simples fato de ele ser negro, questiona: “- [...] não temem o castigo dos céus?” (Montes, 2015, p. 34). Assim, se não há um Deus contra quem lutar, os demônios que vivem no interior dos moradores do vilarejo convivem harmoniosamente? Não é isto o que vemos. O que acontece, na verdade, é que os homens lutam entre si, destruindo-se mutuamente, como vítimas e algozes de si próprios:

No mundo humano sinistro um pólo [sic] individual é o chefe tirânico – inescrutável, impiedoso, taciturno e de

vontade insaciável que impõe lealdade apenas se é bastante egocêntrico para representar o ego coletivo de seus subordinados. O outro pólo é representado pelo *pharmakós* ou vítima sacrificial, que tem de ser morta para fortalecer os outros. Na modalidade mais concentrada da paródia demoníaca, os dois se tornam o mesmo (FRYE, 1973, p. 149).

Considerando que os moradores do vilarejo obedecem a si próprios antes de qualquer outro líder, como o Diabo, podemos deduzir que seu chefe tirânico é reconhecido em suas emoções e paixões sem controle. E, tão logo dão vazão a este tirano insaciável, destruindo outra personagem, arrependem-se e acabam por se autodestruírem, assumindo também o papel de *pharmakós*. É o que acontece com a personagem Anatole, que, em um acesso de raiva, esgana a esposa, Felika, dando livre expressão a seu demônio interior: Satan. Em seguida, a personagem se arrepende de tal forma que acaba por se suicidar, após sua conversa com o Diabo. Entretanto, embora Anatole seja seu algoz e sua vítima simultaneamente, percebemos que o Diabo influencia em seu comportamento e mais ainda nesta sua passagem de algoz à vítima, como no trecho abaixo:

- Eu errei! Eu me arrependi.
- Seu arrependimento não muda nada, meu filho. O velho curvado desdenha dele. Anatole chora, sente seu corpo minguar.
- Eu amava minha esposa.
- Amava, claro, não nego. Mas você a matou. [...] Quando lhe dei aqueles animais mortos, você julgou que neles estava sua redenção. Enganou-se, meu filho. Só agora lhe entrego a verdadeira redenção. A redenção que concedi à

sofrida sra. Helga pouco antes de você chegar ao vilarejo. O velho retira a arma da mão da cega morta e, com um sorriso, estende-a para Anatole. Ainda confuso, ele pega o revólver.

- Faça o que deve ser feito, Anatole. Há uma única bala (p. 88).

Aqui vemos que, apesar de o personagem Anatole se arrepender, isto não é suficiente para que ele seja redimido de suas ações. Para o Diabo, a única redenção possível, a “verdadeira redenção”, é a morte. Isto reforça a ideia de que “a penalidade do pecado é a morte física e a morte eterna”, conforme reiteram Myatt e Ferreira (2002, p. 136). Se o arrependimento de Anatole fosse suficiente para sua redenção, ele não precisaria morrer para obtê-la. É neste momento que a personagem sai da posição de algoz e passa à posição de *pharmakós*, no sentido desta vítima sacrificial, a qual precisa morrer para “limpar-se” do pecado e ascender. Observamos então que, em Anatole,

A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. A tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição (FREUD, 2011, p. 69).

Essa consciência de culpa nada mais é do que o reconhecimento, por parte do indivíduo, de que, se fez algo que a sociedade con-

sidera repreensível, então precisa ser punido. E, embora Anatole tenha consciência de sua culpa e se arrependa do que fez, vemos que há ainda uma influência externa que reforça seu caráter culpado: o Diabo. “- [...] Você batia em seus filhos em surtos inesperados, Anatole. Agora você matou sua esposa [...] O monstro é você; não eu” (p. 88) O Diabo aqui se comporta como um Supereu extremamente rigoroso, que cobra de Anatole uma autopunição por seus atos, da mesma forma que se assemelha a um velho sábio altamente destrutivo, o qual contribui para sua aniquilação, ao invés de lhe dar condições para reverter a situação de uma forma o menos danosa possível.

Diante disso, podemos dizer que o velho sábio, representado aqui pelo Diabo, “[...] também tem um aspecto mau, como um xamã primitivo que, por um lado, cura e ainda, por outro, é o temível preparador de venenos” (JUNG, 2002, p. 223). No caso de Anatole, não é um veneno que o Diabo lhe dá, mas sim a arma com a qual o personagem se suicida. Por conseguinte, embora não o mate diretamente, o Diabo lhe concede meios para isso, pois

O Velho sempre aparece quando o herói se encontra numa situação desesperadora e sem saída, da qual só pode salvá-lo uma reflexão profunda ou uma ideia feliz, isto é, uma função espiritual ou um automatismo endopsíquico. Uma vez que o herói não pode resolver a situação por motivos externos ou internos, o conhecimento necessário que compense a carência, surge sob a forma de um pensamento personificado, isto é, do velho portador de bom conselho e ajuda (JUNG, *op. cit.*, p. 214-5).

Na verdade, quando encontra Anatole pela primeira vez, o Diabo lhe dá uma caça para que possa matar a fome de sua família: “- Trago na maleta algumas caças. Gostei de você, Anatole. E

não me custa nada ajudá-lo. Fique com isto” (p. 80). Contudo, no momento de maior desespero, quando a personagem Anatole se dá conta de que todos os moradores do vilarejo estão mortos e que ele acabou de matar sua esposa, a ajuda que vemos o Diabo lhe oferecer são os meios para matar-se a si também, pois, na sua concepção, só a morte é capaz de redimi-lo do assassinato de Felika. Isso vem mais uma vez reforçar a nossa leitura da personagem Diabo como a representação de um velho sábio destrutivo, visto que, a exemplo de Anatole, todos os personagens da obra de Montes morrem, ou melhor, se autodestroem após ter algum contato, direto ou indireto, com o Diabo.

3. Da verdade diegética ao mundo objetivo

Saindo dessa verdade diegética e observando o mundo “real”, percebemos que os dois mundos estão bastante próximos. A violência humana não está restrita à literatura, tampouco ao mundo objetivo. Na verdade, os dois universos se entrecruzam e dialogam, retroalimentando-se mutuamente. E, embora não saibamos em que época ou em qual região do mundo o vilarejo existiu e se existiu realmente – o que lhe confere uma espécie de caráter mítico –, este não está tão distante de locais geograficamente conhecidos. Quanto à figura do Diabo, tão recorrente em narrativas míticas ou que retomam o mito, qual a sua função ou influência no mundo objetivo, ainda mais na contemporaneidade?

Leonidas Donskis, em um diálogo com Zygmunt Bauman, afirma que “[...] um homem decente pode abrigar dentro de si um monstro. O que acontece a esse monstro em períodos de paz, e se sempre podemos contê-lo dentro de nós, essa é outra questão” (DONSKIS *apud* BAUMAN, 2014, p. 26). O que acontece é que, se na literatura os monstros eram facilmente reconhecíveis por se-

rem criaturas bestiais, peludas ou escamosas, desfiguradas ou simplesmente horrendas, no mundo objetivo – e mesmo na literatura contemporânea – estes monstros estão cada vez mais camuflados e imperceptíveis, até que cometem uma atrocidade e revelam seu aspecto mais demoníaco. Entretanto, se o mal está tão diluído e disseminado assim, por que figuras como o Diabo ainda sobrevivem em nossa cultura? Segundo Bauman (*op. cit.*, p. 27),

O mal precisa ser demonizado enquanto as origens da bondade (graça, redenção, salvação) continuarem a ser deificadas como o foram em todas as crenças monoteístas: a figura do “diabo” representa a incompatibilidade da presença do mal no mundo em que se vive e sobrevive com a figura do bem amoroso: um pai e guardião da humanidade benevolente e misericordioso, a fonte de tudo o que é bom – a premissa fundamental de todo o monoteísmo.

Diante disto, percebemos que a figura do Diabo persiste em nossa cultura como uma espécie de bode expiatório, isto é, alguém escolhido para expurgar todas as culpas da humanidade, pois, frequentemente, comportamo-nos semelhantemente às crianças e buscamos alguém em quem possamos pôr a culpa por nossas ações. Este alguém, não raro, é o Diabo. Isto é um reflexo da nossa sociedade judaico-cristã, pois, se o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus e se Deus é todo amor e benevolência, alguém precisa encarnar todo o mal que existe na sociedade. Contudo,

O diabo pode privar um ser humano, destinado a ser confinado como uma não pessoa e uma não entidade, de sua memória. Perdendo a memória, as pessoas se tornam incapazes de qualquer questionamento crítico de si mesmas e do mundo à sua volta. Perdendo os poderes da individualidade

e da associação, estão privados de suas sensibilidades básicas em termos morais e políticos. Em última instância, perdem sua sensibilidade em relação a outros seres humanos (BAUMAN, 2014, p. 38).

É esta perda de memória e, conseqüentemente, de sensibilidade, que culmina na destruição e autodestruição dos homens e das personagens de *O vilarejo*. Assim chegamos à leitura de que, na obra de Raphael Montes, nenhum personagem é inteiramente bom ou inteiramente mau, nem mesmo o Diabo. O mal reside em cada um e em todos, em proporções que variam de caso a caso, mas está em todos, sem exceção. Logo, o papel do Diabo, nessa história, é de um simples catalisador. Ele não é o responsável por incutir o mal nas personagens, apenas o potencializa. É a partir desta potencialização do mal que o enredo vai avançando e o vilarejo é completamente dizimado. Portanto, é o Diabo o maior responsável pela ação no enredo, ou seja, aquele que faz com que a história avance. Essa é toda a sua responsabilidade, pois, no mundo demoníaco de *O vilarejo*, todos são seus próprios algozes e vítimas, simultaneamente.

A dessensibilização do ser humano em relação aos seus semelhantes atinge níveis alarmantes na sociedade atual. Tanto que figuras como o Diabo parecem cada vez mais obsoletas e desnecessárias. A mídia, por sua vez, contribui sobremaneira para a produção de “[...] indivíduos insensíveis, cuja natureza e atenção sociais só são despertadas por estímulos sensacionais e destrutivos” (BAUMAN, *op. cit.*, p. 49). Nesta perspectiva, o que vemos é a proliferação de uma imprensa cada vez mais sensacionalista e de pessoas que se comovem cada vez menos com a dor alheia, pois, conforme Bauman afirma (2014, p. 50-1),

A violência mostrada cotidianamente deixa de provocar surpresa ou repulsa. É como se ela crescesse em você. Ao mesmo tempo, ela continua irreal – ainda parece que não pode acontecer conosco. Não foi conosco. Ocorreu com outra pessoa, com os outros. Esses “outros” são ficções criadas por artistas, analistas, intelectuais ou jornalistas. Real só é aquilo que acontece comigo, que ocorre comigo física e diretamente, o que pode ser por mim experimentado.

Um exemplo desta realidade pode ser observado no universo diegético de *O vilarejo*, na cena em que a senhora Helga implora à Felika que a deixe entrar em sua casa: “- Por favor, criança. Tenho me sentido tão sozinha... Me deixe entrar” (p. 14). Nesta passagem, embora as duas personagens estejam vivendo um momento aterrorador, sobretudo em virtude do inverno extremamente rigoroso e da fome decorrente deste, e, além disso, Helga estar sofrendo com a morte da irmã, Brigd, e de seu cão, Astor, Felika não se compadece da situação de Helga, que está ali implorando um pouco de atenção e solidariedade. Aqui, fica evidente essa dessensibilização humana aludida por Bauman (2014).

Em nosso mundo objetivo, nesta sociedade cada vez mais narcisista em que vivemos (primeiro eu, depois eu, e de novo eu), as pessoas parecem cada vez mais distantes de características como a empatia e a compaixão. Como reitera o próprio Bauman, estamos tão acostumados à violência, que um fato precisa atingir níveis extraordinários para chamar nossa atenção e, mais ainda, para nos comover.

4. Conclusão

É verdade que o mal e a violência não são algo novo no mundo, tampouco na literatura. Contudo, com a disseminação da imprensa

e da internet, sobretudo das chamadas redes sociais, a divulgação de atos cruéis e violentos tem atingido níveis impensáveis há algumas décadas. Além disso, a violência tem se mostrado uma das principais temáticas da literatura brasileira contemporânea e, até mesmo, mundial. O fato é que, se a violência já existia antes, o que acontece agora, segundo nossa leitura, é que mais pessoas, dentre elas os escritores, têm se mobilizado para denunciar esta violência praticada pelos próprios homens.

Desta forma, inferimos que, assim como acontece na verdade diegética da obra montesiana, no mundo objetivo, o Diabo não é mais a personificação de todo o mal, pois este já está suficientemente diluído entre os homens, como tudo nesta modernidade líquida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2011.

FRYE, Northrop. *Crítica Arquetípica: Teoria dos Mitos*. In: FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTES, Raphael. *O vilarejo*. Ilustração de Marcelo Damm. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MYATT, Alan; FERREIRA, Franklin. *Teologia Sistemática*. Disponível em: www.faberj.edu.br/downloads/biblioteca/estudos_biblicos/Teologia_Sistemática.pdf Acesso em: 13/04/16 às 11:55.